



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Linha de Pesquisa:
Geografia, Educação e Cidadania

DANIÉLISSON DE SOUZA CHAVES

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA VOLTADO PARA A
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**GUARABIRA
2018**

DANIÉLISSON DE SOUZA CHAVES

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA VOLTADO PARA A
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado à Coordenação do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C512c Chaves, Danielisson de Souza.

A contribuição do ensino de geografia voltado para a educação ambiental [manuscrito] : / Danielisson de Souza Chaves. - 2018.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues, Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Ensino de Geografia. 2. Meio Ambiente. 3. Escola.

21. ed. CDD 372.891

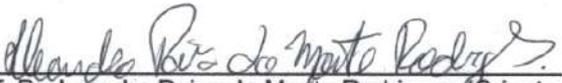
DANIÉLISSON DE SOUZA CHAVES

A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO
AMBIENTAL

Artigo apresentado à Coordenação do
Curso de Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba - UEPB, como
requisito à obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Leandro Paiva do Morite Rodrigues (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Esp. Cleóma Maria Toscano Henriques
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

043 – GEOGRAFIA

A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

LINHA DE PESQUISA: Geografia, Educação e Cidadania

AUTOR: DANIELISSON DE SOUZA CHAVES

ORIENTADOR: PROF. DR. LEANDRO PAIVA DO MONTE RODRIGUES (UEPB)

EXAMINADORES:

PROF. DR. FRANCISCO FÁBIO DANTAS DA COSTA (UEPB)

PROF. ESP. CLEÓMA MARIA TOSCANO HENRIQUES (UEPB)

RESUMO

A articulação pedagógica entre a Educação Ambiental e o ensino de Geografia vem sendo bastante eficaz no sentido da viabilidade da referida educação, uma vez que a ciência geográfica ao estudar a afinidade homem-meio e as interligações comuns destes fenômenos físicos e humanos pode favorecer as questões ambientais no sentido de sensibilizar os alunos para boas práticas relacionadas ao meio ambiente. O presente estudo abordou como tema central a Educação Ambiental por meio do ensino de Geografia. O estudo foi realizado em uma escola pública municipal localizada na cidade de Conde/PB. A metodologia constou de uma pesquisa qualitativa e quantitativa que foi viabilizada por meio de um questionário acerca do tema. Os sujeitos da pesquisa se constituíram de 10 alunos da referida escola. O artigo apresentou como objetivo principal analisar a viabilidade do ensino de Geografia para sensibilizar os alunos quanto à Educação Ambiental. Os resultados mostraram que o ensino de Geografia é um excelente aliado para se trabalhar as questões ambientais na escola e na sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Meio Ambiente. Escola.

043 – GEOGRAPHY

THE CONTRIBUTION OF BACKGROUND GEOGRAPHIC EDUCATION TO ENVIRONMENTAL EDUCATION

LINE OF RESEARCH: Geography, Education and Citizenship

AUTHOR: DANIÉLISSON DE SOUZA CHAVES

ORIENTER: PROF. DR. LEANDRO PAIVA DO MONTE RODRIGUES (UEPB)

EXAMINERS:

PROF. DR. FRANCISCO FÁBIO DANTAS DA COSTA (UEPB)

PROF. ESP. CLEÓMA MARIA TOSCANO HENRIQUES (UEPB)

ABSTRACT

The pedagogical articulation between Environmental Education and the teaching of Geography has been very effective in the sense of the viability of said education, since geographic science when studying the human-environment affinity and the common interconnections of these physical and human phenomena can favor the questions in order to raise students' awareness of good environmental practices. The present study focused on Environmental Education through the teaching of Geography. The study was carried out in a municipal public school located in the city of Conde / PB. The methodology consisted of a qualitative and quantitative research that was made possible through a questionnaire about the theme. The subjects of the research were constituted of 10 students of said school. The main objective of the article was to analyze the feasibility of teaching Geography to raise awareness among students about Environmental Education. The results showed that Geography teaching is an excellent ally to work on environmental issues in school and in the classroom.

Keywords: Geography Teaching. Environment. School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	06
2.1	A importância do ensino de Geografia para a educação ambiental	06
2.2	Educação ambiental na escola e na aula de Geografia.....	11
3	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	24
	APÊNDICE	26

1 INTRODUÇÃO

Como professor da disciplina de Geografia, senti a necessidade de trabalhar as questões ambientais no contexto da referida disciplina, uma vez que tais questões ganham cada vez mais importância no cenário nacional, estas vêm assumindo um papel de destaque no contexto geopolítico.

No Brasil, a educação é assegurada pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, estabelecendo que "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a elaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". A aprovação da Lei nº 9.795, de 27.4.1999 e do seu regulamento, o Decreto nº 4.281, de 25.6.2002, estabelecendo a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) foi um grande ganho em relação à educação ambiental.

A Política Nacional de Educação Ambiental causou um impacto positivo trazendo perspectiva, sobretudo para os ambientalistas, professores e educadores, uma vez que já haviam vários movimentos em defesa da educação ambiental, mesmo não havendo um marco legal. Seguindo a tendência de outros países foi realizada no Rio de Janeiro, em 1992 a Conferência Internacional que ficou conhecida como ECO 92, o enfoque desta conferência era o desenvolvimento sustentável, tendo repercussão em destaque no cenário global.

Após vinte anos da Eco 92, o Brasil sediou outro evento de grande relevância para o meio ambiente, trata-se da Rio+20 que ocorreu em junho de 2012 no Rio de Janeiro, nesta conferência se reuniram líderes do mundo todo para discutir meios de transformar o planeta em um lugar melhor para se viver.

Diante da importância deste tema, neste trabalho, tratamos das questões ambientais que envolvem o cotidiano dos alunos de uma escola pública municipal da cidade de Conde/PB. Entendemos que este tema é de suma importância e que cabe à escola tratar desta temática no sentido de educar os alunos para as questões ambientais. Uma vez que é preciso trazer as práticas pedagógicas voltadas para a cidadania ambiental a fim de motivar e sensibilizar os alunos a se tornarem agentes sociais participativos em defesa de uma melhor qualidade de vida.

Nesse sentido, o artigo apresenta como objetivo principal analisar a viabilidade do ensino de Geografia para sensibilizar os alunos quanto à educação

ambiental. A pesquisa foi realizada com alunos do 7º ano F da Escola Municipal de 1º Grau Professora Noêmia Alves, localizada na cidade de Conde/PB. Como fio norteador do estudo, pautamo-nos nestas problemáticas a fim de articular a educação ambiental ao ensino de Geografia.

Quanto a metodologia, a princípio foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e após essa etapa foi realizada uma pesquisa de campo com 10 alunos da referida escola. Assim, ocorreu uma pesquisa qualitativo-quantitativa, de caráter exploratório e descritivo. Os resultados mostraram que o ensino de Geografia é perfeitamente viável para se tratar das questões ambientais na escola.

O artigo está estruturado da seguinte forma: introdução, seguida da seção que trata da importância do ensino de Geografia para a educação ambiental. A próxima seção discorre sobre a educação ambiental na escola e na aula de Geografia. Na última seção, trouxemos os encaminhamentos metodológicos e as análises e discussões dos dados. E por fim, pontuamos nossas impressões nas considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A importância do ensino de Geografia para a educação ambiental

A educação ambiental no Brasil ganhou destaque no período compreendido entre os anos de 1980 a início do século XXI. Nesse período, houve o aprofundamento das discussões ambientais internacionais sobre essa problemática.

Assim, para Santos (2003, p. 242), no Brasil,

Defensores do desenvolvimento a qualquer custo consideravam o movimento ambientalista, que emergia na época, como uma tentativa dos países ricos de impedir ou limitar o desenvolvimento do hemisfério Sul, ou ainda, como uma manifestação de burgueses ociosos. Defendiam o desenvolvimento como um fim em si, que deveria ser buscado sem limitações ou impedimentos.

No que se refere a citação acima, entendemos que movimentos ambientalistas devem ser desenvolvidos em qualquer lugar e em qualquer época, no nosso caso, esse movimento ocorre dentro de uma escola pública que mesmo

atingindo um número limitado de sujeitos, acreditamos ser importante para que esse público alvo possa se tornar agente disseminador de boas práticas com relação ao meio ambiente.

Para Santos (2003) essa questão ambiental foi discutida dentro das contradições do chamado projeto desenvolvimentista, que se constitui em uma variante do desenvolvimento que se buscava a todo custo.

Em 1973, ocorre algo muito importante para a questão ambiental no Brasil, nesse ano, o governo brasileiro cria a SEMA – Secretaria Especial do Meio Ambiente, no âmbito do Ministério do Interior, que, segundo Brito e Câmara (2001), foi o primeiro organismo ambiental de abrangência nacional, sendo de grande importância para nortear de forma integrada a questão ambiental.

Outro marco importante para educação ambiental no Brasil foi à promulgação da Lei 6.938, de agosto de 1981, que dispôs sobre a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, estabeleceu a obrigatoriedade da educação ambiental em todos os níveis de ensino. (AGUIAR, 2017).

Seguindo essa trajetória, a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, dedicou de forma integral o artigo 225 ao meio ambiente. No *caput* desse artigo consta que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 2012. p, 127). E no parágrafo § 1º, inciso VI, consta que, para que o direito ambiental se efetive, ao poder público compete “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 2012).

Ainda podemos destacar como marco importante para a educação ambiental, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997. O referido documento impulsionou tal educação no Brasil, agora mais especificamente no ensino escolar. Outro avanço, foi a promulgação da Lei Federal nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental, tornando obrigatória a promoção da educação ambiental tanto por parte da esfera institucional (governamental) quanto nos diferentes segmentos da sociedade, sendo que a educação ambiental deve ser incorporada aos sistemas de ensino nos diferentes níveis e modalidades (AGUIAR, 2017).

A educação ambiental consiste em dois pilares que se relacionam entre si, como o próprio nome sugere, trata-se da educação e o meio ambiente. Assim, ao se falar em educação ambiental, fala-se de uma educação que sensibiliza e educa os alunos para o respeito e conhecimento do meio ambiente, levando em consideração sua estrutura, suas leis, seu funcionamento. Isto é, uma educação que não se limite ao conhecimento, mas que vise uma mudança de pensamento e de atitude, a partir de uma conscientização da importância da conservação ambiental, assumindo uma postura ética em relação ao mesmo (AGUIAR, et al. 2013).

Para Guimarães (2006), a prática pedagógica dos professores voltada às ações educativas chamadas de educação ambiental apresenta-se, na maioria das vezes, fragilizada. Tal fragilidade pode estar relacionada a falta de uma reflexão sobre o processo educativo e sobre a educação ambiental que não se apresenta de uma forma crítica. Isto é, em muitos casos, o professor trabalha com a educação ambiental de maneira convencional, que é reforçada pela racionalidade hegemônica, caindo na “armadilha paradigmática”. Ou seja, “adotando uma visão ingênua por ser reduzida, não percebendo os conflitos e as relações de poder que engendram a realidade socioambiental” (GUIMARÃES, 2006, p. 25).

Nesse sentido, observa-se que muitas vezes, o professor tem de cumprir com um currículo extenso e por isso não reflete sobre o seu compromisso para com a sociedade. Quando a prática pedagógica por parte do professor aponta para a necessidade de uma formação voltada para pensar a sua prática por meio de teorias que lhe possibilitem não apenas suportar o fardo de seu tempo histórico, mas enfrentá-lo, transforma essa realidade refletindo a necessidade de concebê-lo como professor e pesquisador em sua práxis pedagógicas (TEIXEIRA; TOZONI-REIS; TALAMONI, 2011).

É importante ressaltar que essa problemática relacionada ao meio ambiente, nas últimas décadas do século XX, e no século XXI, é consequência de uma desarmonia entre o homem e natureza. Essa desarmonia se caracteriza como um dos sintomas da crise da civilização na modernidade. Essa problemática leva a reflexão de que é preciso reconhecer que há a necessidade de uma visão mais completa do meio ambiente em que a natureza integra as relações naturais, sociais e culturais (OLIVEIRA, 2007).

Ainda de acordo com Oliveira (2007) a baixa eficácia das técnicas produtivas conteve durante muito tempo o poder destrutivo que a separação da natureza

apontava. Ressalta-se que, hoje, o desenvolvimento das técnicas produtivas da sociedade de consumo e toda a ideologia do consumo desnecessário fazem com que os recursos naturais não possam ser harmonizados com a natureza, ou seja, com a sustentabilidade.

Diante desse contexto, percebe-se que é preciso se criar uma consciência ambiental e a escola é por excelência o lugar apropriado para isso, pois pode possibilitar e formar pessoas com interesse explícito pela natureza, tal interesse passa, certamente, por um processo educativo que deve objetivar e criar novas atitudes e novos critérios de comportamento balizados pelos princípios de sustentabilidade ecológica. Uma vez que a educação é um instrumento de mudança e sendo assim, é algo totalmente recomendável para a preservação do meio ambiente, no sentido de sensibilizar os sujeitos acerca da importância de preservar a natureza e conseqüentemente assegurar um mundo sustentável.

Entende-se que os professores de diversas disciplinas têm a possibilidade de trabalhar a educação ambiental como viés da disciplina. Assim, a Geografia apresenta-se como uma boa opção para esse fim. Essa disciplina tem conceitos-chave, capazes de sintetizar a sua objetivação, isto é, ela apresenta um viés específico, objeto de estudo à sociedade que é objetivada via cinco conceitos-chave, todos se referindo a ação humana que modela a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Ao se observar o conceito de Geografia, verifica-se como a disciplina pode ser uma ponte importante para se trabalhar a educação ambiental.

Alguns autores vão definir a geografia como o estudo da paisagem. Para estes, a análise geográfica estaria restrita aos aspectos visíveis do real. A paisagem, posta como objeto específico da geografia, é vista como uma associação de múltiplos fenômenos, o que mantém a concepção de ciência de síntese, que trabalha com dados de todas as demais ciências. Esta perspectiva apresenta duas variantes, para a compreensão da paisagem: uma, mantendo a tônica descritiva, se detém na enumeração dos elementos presentes e na discussão das formas — daí ser denominada de morfológica. A outra, se preocuparia mais com a relação entre os elementos e com a dinâmica destes, apontando para um estudo de fisiologia, isto é, do funcionamento da paisagem (MORAES, 2003, p. 22).

Partindo deste conceito de Geografia, é possível perceber que a referida disciplina busca as inter-relações entre fenômenos de qualidades distintas que coabitam numa determinada porção do espaço terrestre. Nesse sentido, pode-se introduzir a Geografia no domínio da educação ambiental.

Ainda de acordo com Moraes (2003), a disciplina foi também definida como o estudo das relações entre o homem e o meio, ou como o homem e a natureza. Dessa forma, entende-se a natureza como algo que precede à civilização, ou seja, intocada pelo homem, e o meio como o resultado da ação humana. Assim, pode-se dizer que ocorre a influência da natureza sobre os homens, e estes, agem de forma consciente ou não na transformação da natureza. Diante dessas considerações, observa-se que essa relação homem/meio e homem/natureza, é responsabilidade da Geografia no sentido de balizar um sobre o outro, buscando compreender a manutenção ou a ruptura entre o homem e o ambiente (AGUIAR, 2017).

Nesse contexto, a Geografia passa a ser uma excelente proposta para mediar o conhecimento da educação ambiental. Assim, o conhecimento geográfico deve aceitar a existência de relações mútuas e complexas entre sociedade e espaço, entre processos sociais e configurações espaciais. De acordo com Moreira (2002, p. 74), “o homem e a natureza formam uma unidade orgânica”. Infelizmente, essa unidade está sendo rompida pelo caráter agressivo do homem sobre a natureza e o meio, o que gera problemas ambientais ligados à conservação dos recursos naturais.

Seguindo essa linha de raciocínio, Mendonça afirma que,

a geografia é, sem sombra de dúvidas, a única ciência que, desde a sua formação, se propôs ao estudo da relação entre os homens e o meio natural do planeta – meio ambiente, atualmente, em voga é propalado na perspectiva que engloba o meio natural e o social (MENDONÇA, 2004, p. 22-23).

Nesse sentido, a disciplina de Geografia apresenta-se como um instrumento capaz de subsidiar o debate sobre a chamada sociedade de consumo e o atual modelo desenvolvimentista na tentativa de balizar esse conflito.

Dessa forma, a articulação entre Geografia e educação ambiental é de grande importância para a sensibilização e conscientização dos sujeitos acerca de um mundo mais sustentável. Por outro lado, a educação ambiental pode-se levar a compreender as relações homem-natureza, com o objetivo de tomar os necessários cuidados com o meio ambiente a fim de preservá-lo não só no presente, mas também para as gerações futuras.

2.2 Educação ambiental na escola e na aula de Geografia

Acredita-se que a Geografia é um excelente meio para se tratar de educação ambiental na escola e conseqüentemente na sala de aula. Nesse sentido, os professores podem articular os fenômenos físicos, biológicos e humanos com as causas que provocam a destruição do meio ambiente.

Por meio da Geografia é possível instigar o aluno a observar, analisar, interpretar e, sobretudo, agir de forma responsável no que se refere ao meio ambiente. Dessa forma, a Geografia na escola e na sala de aula pode ser uma fonte importante de conhecimento para os alunos no sentido de sensibilizá-los a tratar a natureza como parte de suas vidas.

Nessa perspectiva, as questões ambientais demandam a procura de novos princípios que devem orientar as mudanças nos conteúdos e orientações que os alunos devem receber nas escolas com projetos e programas educativos, tanto da educação formal quanto da educação não-formal.

É nessa perspectiva que a educação ambiental constitui eixos estruturantes para a organização de uma sociedade sustentável. Por isso há a necessidade de discutir e de refletir sobre a importância do ensino da Geografia na escola e na sala de aula.

Para Cavalcanti (2002), a educação ambiental contribui para a formação dos sujeitos, essa concepção está presente nas formulações teóricas e nas orientações para o ensino de Geografia. Diante disso, os professores precisam voltar sua prática pedagógica para articular o conteúdo às questões ambientais.

Conforme Mendonça (2002), a Geografia ficou muito voltada para a crítica das relações capitalistas no que diz respeito às produções, por isso essa disciplina contribuiu pouco para a discussão da temática ambiental e, quando isso ocorre é de forma pobre e limitada. Ainda de acordo com Mendonça (2002), não é possível afirmar que haja uma total afinidade entre Geografia crítica e Geografia ambiental. Dessa forma, a perspectiva ambiental parece não ter sido uma preocupação acentuada, entretanto é preciso rever tudo isso, uma vez que, hoje essa disciplina pode ser considerada uma excelente aliada como segmento norteador para os professores trabalharem a questão ambiental.

Conforme as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (2008 p. 8), "um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais

em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar”.

Nesse mesmo sentido Cavalcanti (2010, p. 11) refere que

o pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.

Nessa perspectiva, o ensino de Geografia na escola e na sala de aula deve discutir os problemas ambientais que atingem a sociedade atual, por isso a necessidade de práticas pedagógicas voltadas para a sustentabilidade com vistas à sensibilização dos alunos, a fim de promover a aprendizagem dos conteúdos da ciência geográfica, tornando os alunos mais críticos e reflexivos sobre as mudanças de hábitos que podem colaborar para a existência de um mundo melhor.

3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

O trabalho seguiu passos de uma pesquisa-ação, na perspectiva de Thiollent (2011) e Engel (2000). Para Engel, uma das principais características da pesquisa-ação é o fato de que ela procura diagnosticar um problema específico numa situação também específica, com o fim de atingir uma relevância prática dos resultados. Não está, portanto, em primeira linha interessada na obtenção de enunciados científicos generalizáveis (relevância global). Há, no entanto, situações em que se pode alegar alguma possibilidade de generalização para os resultados da pesquisa-ação: se vários estudos em diferentes situações levam a resultados semelhantes, isto permite maior capacidade de generalização do que um único estudo (ENGEL, 2000, p.184).

Em razão de propor intervenção direta no contexto e em relação aos sujeitos pesquisados, temos o que se denomina de pesquisa-ação, pois não objetivamos apenas observar o fenômeno e descrevê-lo a fim de confirmar algo. O trabalho propõe ações que visam coibir e melhorar o ambiente dos sujeitos e do contexto pesquisado, em especial no que se refere à preservação do meio ambiente.

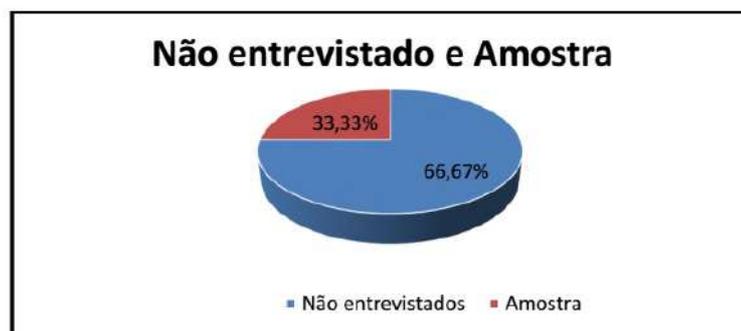
Foi justamente o que ocorreu na Escola Municipal de 1º Grau Professora Noêmia Alves na cidade de Conde/PB, a escola possui um quantitativo de 1.200

alunos e 50 professores, sendo 5 docentes da disciplina de Geografia. Procuramos pesquisar sobre a concepção que os alunos do 7º ano F têm sobre o meio ambiente, a referida turma possui 30 alunos.

A presente pesquisa se caracteriza por um lado qualitativa, pois, a investigação se deu no ambiente de trabalho do pesquisador, por outro lado também foi quantitativa, pois foram selecionados 10 alunos que compõem a turma do 7º ano F para os quais aplicamos um questionário semiestruturado contendo 12 questões (Apêndice 1), cuja escolha foi feita através da disponibilidade dos alunos em responder o questionário.

Como já foi referido, trabalhamos com uma turma de 7º ano F, a qual conta com 30 alunos, mas só conseguimos trabalhar com um percentual de 33,33 do total de alunos (Gráfico 1).

Gráfico 1: Percentual dos alunos participantes



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

De posse dos questionários, passamos a analisá-los a fim de fazer uma discussão com os dados obtidos.

Na primeira questão, procuramos saber a idade dos alunos pesquisados, nesse item, obtivemos as seguintes respostas: 3 alunos responderam ter 12 anos; 4 responderam 13 anos; 2 disseram ter 15 anos e 1 respondeu ter 11 anos. Na segunda questão, indagamos sobre o sexo dos referidos alunos. As respostas apontaram que 6 pertencem ao sexo feminino e 4 ao sexo masculino (Gráficos 2 e 3).

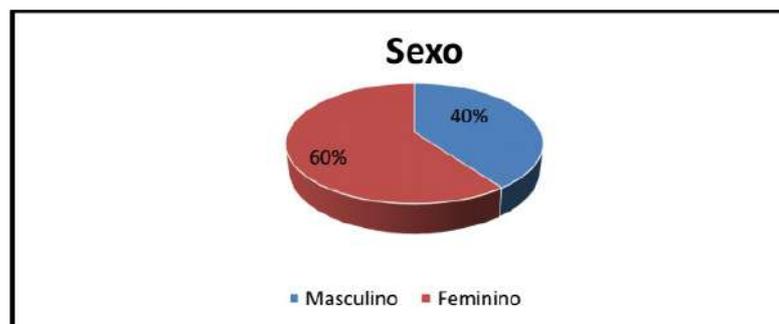
Gráfico 2: Faixa etária dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Como pode ser observado pelo gráfico, os alunos se encontram na faixa etária entre 11 a 15 anos. Acreditamos que essa faixa etária é bastante favorável para se trabalhar questões ligadas ao meio ambiente, pois esses alunos estão em fase de desenvolvimento. Isso não significa que não seja adequado trabalhar questões do meio ambiente em outras faixas etárias, o que estamos defendendo é que eles ainda não têm total discernimento dessas questões, assim fica mais fácil convencê-los da importância da vivência da educação ambiental.

Gráfico 3: Sexo dos alunos participantes



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Com relação ao sexo, observamos que 60% pertencem ao sexo feminino e 40% ao masculino, entretanto compreendemos que a questão de gênero não tem muita relevância nesse contexto. É importante saber o sexo para se ter um perfil da turma pesquisada.

Na terceira questão, perguntamos aos alunos o que eles entendem por lixo. Para essa questão, as respostas foram as seguintes: P1 respondeu: *eu entendo que lixo são coisa que não se usa coisa que não presta*. P2 disse: *é uma coisa suja que nos poderia se dedicar mais ao meio ambiente que ficamos e preservar mais*. P3 respondeu: *o que entendo por lixo é que é uma sacola com várias coisas que não presta que coloca lixo no lixo pra manter o ambiente sempre limpo*. P4 respondeu: *eu entendo que lixo é uma coisa suja que não presta e também que pode causar ate doença*. P5 disse que: *é tudo aquilo que não queremos e jogamos fora ou tudo que não presta*. P6 respondeu: *o lixo pra mim é uma coisa que não presta mais*. P7 afirmou: *eu entendo que lixo é tudo que não presta mais*. P8 respondeu: *eu entendo que lixo é quando agente não quer mais uma coisa e joga no mato*. P9 respondeu: *eu entendo que lixo é o que o povo não quer mais*. E por último P10 disse: *eu entendo que lixo é uma coisa ruim que prejudicar o meio ambiente*.

Como é possível perceber, os alunos têm um conhecimento superficial do que seria o lixo. Após a análise dessas respostas, trabalhamos com os alunos o conceito de lixo trazido pelo dicionário Larousse (2004, p.608) quando diz que lixo são subprodutos gerados nas atividades diárias dos indivíduos.

Observamos que os alunos têm uma ideia quase que unânime de que o lixo é algo que não presta mais, nosso trabalho, após esse questionário foi justamente mostrar para eles que não, necessariamente, o lixo é algo que não presta mais, pois pode não ter mais utilidade para um indivíduo ou um grupo de indivíduos e ser utilizado por outro (s). Como é o caso dos catadores de reciclagem, que ganham dinheiro na venda destes produtos ditos inúteis, ou ainda dos artesãos que retiram do lixo a matéria prima para execução de suas obras, recebendo dinheiro e reconhecimento por isso, após sua comercialização.

Nesse sentido recorreremos ao que está em conformidade com a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) (BRASIL, 2010), no Art. 3, XVI, a conceituação de resíduos sólidos é dada nos seguintes dizeres:

[...] material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível.

Como é possível observar quando se refere à distinção terminológica, os resíduos diferem dos então denominados rejeitos, associados comumente ao lixo inservível, que por definição, como consta na Lei da PNRS, (BRASIL, 2010), Art. 3, XV, são:

[...] resíduos sólidos que, depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação por processos tecnológicos disponíveis e economicamente viáveis, não apresentem outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada.

Assim, procuramos trabalhar esses conceitos, ampliando o conceito de lixo entendido por esses alunos.

Na quarta questão a indagação feita aos alunos pesquisados foi se eles consideravam a escola em que estudam um ambiente limpo. Estas foram as respostas obtidas: P1 respondeu: *um pouco porque os alunos não ajudam*. P2 respondeu: *sim, principalmente na hora do recreio que a hora que mais os alunos jogam lixo no chão*. Por essa resposta, acreditamos que P2 não entendeu bem a questão. P3 afirmou: *mais ou menos, pois tem aluno que joga lixo no chão*. P4 disse: *não, porque por onde eu passo vejo lixo mais não é por que é desleixo da escola e sim por causa dos alunos*. P5 respondeu que: *sim muitas vezes eu mesmo joga as vezes mais sei que não é certo*. P6 afirmou: *sim no intervalo*. P7 respondeu: *a escola fica mais suja no intervalo e quando acaba as aulas*. P8 disse: *o ambiente é mais ou menos limpo mais quem suja é os alunos*. P9 respondeu: *quando agente chega a escola tá limpa depois fica suja*. E P10 respondeu apenas: *sim*.

É perceptível que os alunos em sua maioria consideram a escola um ambiente não tão limpo, todavia tem consciência que esta prática é feita pelo corpo discente, existindo até mesmo entre os entrevistados atitudes impróprias. Saliendo ainda mais que medidas pedagógicas devem ser tomadas, visando coibir essa prática, criando nos alunos atitudes mais colaborativas com o meio ambiente e a limpeza da escola, como: manter o ambiente limpo, economizar água e energia, reutilizar produtos (imagens 1 e 2).



Imagem 1: Fachada da escola.
Fonte: Daniélisson Chaves, 2018.

Imagem 2: Alunos na hora do intervalo.
Fonte: Daniélisson Chaves, 2018.

Na imagem 1 temos a fachada de entrada da Escola Municipal de 1º Grau Professora Noêmia Alves, juntamente com a diretora e equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Conde para uma visita técnica. Na imagem 2 os alunos em seu momento de intervalo no pátio da escola.

A esse respeito, temos a contribuição de Loureiro (2005, p.69) ao afirmar que:

A Educação Ambiental é umas práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e atuação lúdica e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente.

Foi justamente nessa perspectiva que desenvolvemos essa pesquisa com alunos da Escola Municipal de 1º Grau Professora Noêmia Alves.

Na quinta questão procuramos saber dos entrevistados se eles já haviam presenciado alunos jogando lixo no chão. Dos 10 alunos pesquisados, 9 responderam que sim e apenas 1 não respondeu. Entendemos que esse dado foi bastante significativo e que é preciso ações efetivas para educação desses alunos nesse sentido.

Dias (2004, p.124) contribui com esse questionamento feito aos alunos quando diz que: "precisamos utilizar todos os recursos pedagógicos disponíveis, mas acentuar devidamente as atividades práticas, uma vez que a Educação Ambiental pressupõe ação! "

Na sexta questão, perguntamos como os alunos classificam essa atitude, ou seja, jogar lixo no chão. Para essa questão, apresentamos as seguintes sugestões:

ruim, indiferente, natural ou boa. Os alunos pesquisados responderam que é uma atitude ruim, com exceção de 2 que não responderam.

Esses dados são preocupantes quando associados com os que foram mostrados na questão anterior, pois os alunos em sua maioria afirmaram ver outros jogando lixo no chão, pois mesmo considerando uma atitude ruim, não fazem nada a respeito. É necessário criar mecanismos para empoderar os alunos, transformá-los em agentes ativos na coibição de atitudes como essa, cooperando assim para um bem-estar coletivo no ambiente escolar.

De acordo com Loureiro (2005, p. 76):

Ecocidadania/cidadania planetária é um conceito utilizado para expressar a inserção da ética ecológica e seus desdobramentos no cotidiano, em um contexto que possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades tanto locais e comunitárias quanto globais, tendo como eixo central o respeito à vida e a defesa de direito a estar em um mundo sem fronteiras geopolíticas.

Por essa citação, entendemos que a ecocidadania pode ser viabilizada nas aulas de Geografia contribuindo para uma sensibilização e conscientização dos alunos.

Na sétima questão, indagamos aos entrevistados, como o lixo pode prejudicar o ambiente escolar, em seguida pedimos que eles citassem exemplos. P1 respondeu: *sim atrapalhando o aprendizado dos alunos*. P2 disse: *pode deixar o ambiente com mal cheiro prejudicar a saúde e outras coisas*. P3 respondeu: *o lixo junta mosca e barata*. P4 não respondeu a essa questão. P5 afirmou: *o lixo deixa o ambiente fedendo e ofende a saúde*. P6 disse: *o lixo pode deixar os alunos doente*. P7 não respondeu a essa questão. P8 respondeu apenas: *pode*. P9 e P10 não responderam.

Tendo como base as respostas dos alunos, os mesmos admitem em sua maioria que o lixo é prejudicial a aprendizagem em sua forma estética ou até mesmo o mau cheiro que pode ocasionar, ou ainda afetar sua saúde, quando citam vetores que podem transmitir doenças. Esse entendimento pode ser utilizado como foco inicial as abordagens para construir ou fortificar princípios ambientais nos alunos, melhorando assim seu comportamento ambiental na escola.

Na oitava questão, perguntamos aos alunos se eles se sentem responsáveis pelo lixo que produzem. Para essa questão, demos três alternativas: sim, não e

indiferente. Nessa questão, 6 alunos responderam que sim, 2 que não e 2 não responderam.

Com essa resposta percebe-se que os alunos possuem uma percepção ambiental inativa, visto que a maioria admite ter responsabilidade, contudo não demonstram ações efetivas na melhoria do comportamento ambiental, tendo como base as respostas das questões anteriores.

Nesse sentido, Gadotti (2009, p.66-68) afirma que: "a educação sustentável não se preocupa apenas com a relação saudável com o meio ambiente, mas com o sentido mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana".

Assim, esse questionamento feito aos alunos procurou ir além da educação ambiental a fim de que eles possam refletir sobre a própria existência.

Na nona questão foi indagado se o lixo que eles descartam de forma inadequada pode prejudicar o meio ambiente. Para essa indagação, foram dadas as seguintes alternativas: sim e não, ainda solicitamos que eles justificassem. As respostas foram as seguintes: 7 alunos responderam que sim, 1 respondeu que não e 2 não responderam a essa questão, quanto a justificativa todos não a fizeram.

Dadas as respostas dos alunos a respeito da indagação sentimos outra vez a inércia no que diz respeito a tomada de atitudes frente à propositura da educação ambiental, novamente tendo como conjectura as respostas anteriores.

Para Sartori (2011, p.5), "Esta consciência, deve ser adquirida desde a mais tenra idade, onde as atitudes corretas em relação ao ambiente sejam tomadas de maneira natural, e não como uma imposição". Considera-se muito importante as orientações dadas aos alunos no sentido dos prejuízos causados pelo descarte do lixo de forma inadequada.

Na décima questão perguntamos ainda aos alunos se eles contribuíam para manter a escola limpa e como o fazem. Demos as seguintes alternativas: não jogar lixo no chão, zelar por sua sala, impedindo que fique suja e fazer campanhas com os demais colegas para que a escola fique sempre limpa.

As respostas foram as seguintes: 5 responderam não jogar lixo no chão, 2 fazer campanhas com os demais colegas, 2 marcaram todas as alternativas e 1 não respondeu.

Percebemos certa incoerência nas respostas desse item, visto que se realmente acontecesse fielmente o que dizem as respostas dos alunos, a escola

seria um ambiente muito mais limpo e os alunos teriam um comportamento ambiental muito mais sadio e respeitoso, coisa que não identificamos nas respostas anteriores dos mesmos.

Nessa perspectiva, recorremos a Gadotti (2009, p.57) quando refere que: “para ser sustentável, o desenvolvimento precisa ser ambientalmente correto, socialmente justo, economicamente viável e culturalmente respeitoso das diferenças”. Assim, não jogar lixo no chão, zelar por sua sala e fazer campanhas são atitudes ambientalmente corretas e respeitosas.

Na décima primeira questão foi perguntado aos entrevistados que atitudes devem ser tomadas para manter o ambiente escolar limpo. As respostas foram as seguintes: P1 respondeu: *não jogar lixo no chão*. P2 disse: *fazer a campanha com os demais colegas*. P3 respondeu: *não jogar lixo no chão*. P4 respondeu: *não jogar lixo no chão, sempre limpar pra não causar doença*. P5 disse: *para manter o ambiente limpo tem que ficar ciente que não pode jogar lixo no chão*. P6 respondeu: *não jogar lixo no chão quando comer algo jogar o resto no lixo*. P7 respondeu: *impedir que os alunos e funcionários joguem lixo no chão*. P8 respondeu: *sim não jogar lixo na sala nem na escola*. P9 respondeu: *não jogar lixo no chão*. P10 respondeu: *jogar o lixo no lixo*.

Percebemos que os alunos pesquisados em sua maioria recorreram às respostas anteriores para responderem a essa questão, demonstrando que os mesmos possuem pouca prática na tomada de atitudes ambientais em seu ambiente escolar.

Na décima segunda questão perguntamos aos alunos se a escola em que eles estudam desenvolve atividades de educação ambiental? Quais? P1 respondeu: *a orta*. P2 disse: *sim, com certas campanhas pra o meio ambiente*. P3 respondeu: *sim, a orta, construção e manutenção*. P4 respondeu: *não*. P5 respondeu: *sim, os professores passaram a trabalhar o meio ambiente tarefas como essas e tem várias outras que não lembro*. P6 respondeu: *sim conferência de meio ambiente entre outras*. P7 respondeu: *sim*. P8 respondeu: *trabalho sobre meio ambiente e outras coisas*. P9 respondeu: *os professores sempre passa trabalho*. P10 disse: *desenvolve*.

Percebe-se que os alunos entendem que a escola possui atividades voltadas à educação ambiental, ratificando seu papel como protagonista na tentativa de formar cidadãos sensíveis a importância da educação ambiental para suas vidas,

todavia, existe um entrave na contrapartida dos alunos que é realmente encarar estes conhecimentos como essenciais à sua existência.

A esse respeito, Kimura (2010, p.44) afirma que "o fundamento do papel dos professores define-se na condição de nos colocarmos como protagonistas. Assim, a intervenção dos professores é de grande importância e tal intervenção vai além do espaço da sala de aula e da escola.

A Escola Municipal de 1º Grau Professora Noêmia Alves, desenvolve projetos voltados às questões ambientais envolvendo seus alunos na temática, visto que entende sua importância na formação socioambiental dos educandos. Na escola são desenvolvidas as seguintes atividades: horta, dia da água, dia do meio ambiente, feira de ciências e Conferência Nacional do Meio Ambiente. Esses são exemplos das ações, das quais contam com a participação de todos os funcionários nesse processo, contribuindo para uma sensibilização coletiva da importância que o meio ambiente tem em nossas vidas, cooperando assim para o exercício da educação ambiental (imagens 3 e 4).



Imagem 3: Manutenção da horta escolar.
Fonte: Daniélisson Chaves, 2018.

Imagem 4: Aula de campo.
Fonte: Daniélisson Chaves, 2018.

Na imagem 3 podemos observar os alunos executando a manutenção da horta escolar que acontece no decorrer de todo o ano. Esta ação auxilia os alunos a prática da educação ambiental. Já na imagem 4 temos uma aula de campo onde os alunos foram visitar o Parque Arruda Câmara, ação em comemoração ao dia da água, líquido precioso que devemos cuidar incansavelmente (imagens 5 e 6).



Imagem 5: Aula de campo:
Fonte: Daniélisson Chaves, 2017.



Imagem 6: Feira de ciências na escola.
Fonte: Daniélisson Chaves, 2017.

A imagem 5 demonstra uma aula de campo: No Parque Arruda Câmara, em alusão ao dia do meio ambiente, ocorrido no ano de 2017. Na imagem 6 temos a simulação de uma erupção vulcânica feitas pelos alunos na feira de ciências no ano de 2017. Ambas ações desenvolvidas com o intuito de despertar o interesse dos alunos pelas questões ambientais (imagens 7 e 8).



Imagem 7: Apresentação do Projeto: Como utilizar a água de maneira sustentável.
Fonte: Daniélisson Chaves, 2018



Imagem 8: Apresentação do Projeto: Água um bem comum de todos.
Fonte: Daniélisson Chaves, 2018.

As imagens 7 e 8 trazem A Conferência Nacional do Meio Ambiente realizada no ano de 2018, ação desenvolvida na escola Municipal de 1º Grau Professora

Noêmia Alves, com forma de ratificar seu papel na construção do protagonismo de seu corpo discente perante as questões ambientais.

Após a análise e discussão dos dados, passaremos a considerações finais desse estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tratou das questões ambientais na perspectiva do ensino de Geografia. Ou seja, da sensibilização dos alunos para desenvolverem boas práticas ligadas ao meio ambiente.

A discussão girou em torno de buscarmos novos caminhos e possibilidades no que se refere à articulação entre Geografia e a educação ambiental. O estudo concluiu que a inserção da educação ambiental no ensino de Geografia na escola possibilita a sensibilização dos alunos no sentido de um olhar mais responsável para as questões ambientais e, sobretudo, para a do descarte inadequado do lixo.

É importante destacar que esse é um trabalho que exige tempo, somente uma atividade de educação ambiental não é o suficiente para criar uma consciência de boas práticas ambientais, por isso, é preciso que toda a escola esteja engajada nesse processo educacional voltado para uma educação ambiental comprometida, a fim de uma melhor qualidade de vida a todos.

Ressaltamos que nosso objetivo principal foi atingido, pois atestamos que o ensino de Geografia é viável para a educação ambiental. A pesquisa foi realizada com alunos do 7º ano F da Escola Municipal de 1º Grau Professora Noêmia Alves, localizada na cidade de Conde/PB.

Os resultados mostraram que os alunos pesquisados ainda são muito imaturos com relação à educação ambiental, entretanto estão abertos a novas aprendizagens e podem ser agentes disseminadores de boas práticas de educação ambiental, cooperando para uma escola melhor e atuante na defesa dos valores essenciais para a perpetuação do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. C. B. de; COSTA NETO, R. F.; BRUNO, N. L.; PROFICE, C. C. Da teoria à prática em educação ambiental. **R. gest. sust. ambient.**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p.111 -132, jul./set. 2017.

AGUIAR, P. C. B. de.; MOREAU, A. M. S. S. y E. O. FONTESS. Áreas Naturais Protegidas: Um breve histórico do surgimento dos parques nacionais e das reservas extrativistas. **Revista Geográfica de América Central**, Universidad Nacional, Heredia, Costa Rica, Nº 50, 2013, pp. 195–213.

BRASIL. Congresso Nacional. Política Nacional de Resíduos Sólidos. **Lei n. 2.305**, de 2 de agosto de 2010. Dispõe sobre seus princípios, objetivos e instrumentos. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em:<<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=636>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 2012.

_____. Ministério da Educação. Ministério do Meio Ambiente. (Coord. Ger.). **SISNEA – Sistema Nacional de Educação Ambiental**. Salvador, 2007.

_____. Presidência da República. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Brasília, DF: Subchefia para assuntos jurídicos, 1999.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio ambiente e saúde**. Brasília, v. 9, 1997.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA). **Lei nº 6.938**, de agosto de 1981. Brasília, 1981.

BRITO, F. de A.; CÂMARA, J. B. D. Democratização Gestão Ambiental: **Em Busca do Desenvolvimento Sustentável**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 16 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9 ed. São Paulo: Gaia, 2004.

ENGEL, Guido Irineu. **Educar**, Curitiba, n 16, p. 181-191. Editora UFPR, 2000.

GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GUIMARÃES, M. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (Orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006. Cap. 1, p. 15-29.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAROUSSE. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2004.

LOUREIRO, C.F.B. (org.) Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2005. p.69-109.

MENDONÇA, F. **Geografia e meio ambiente**. 7. ed. São Paulo: contexto, 2004,80p.

MENDONÇA, F. A.; KOZEL, S (org.). **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003, 130 p.

MOREIRA, R. **O que é Geografia?**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002,113 p.

OLIVEIRA, W. C. A Contribuição da Geografia para a Educação Ambiental: **As relações entre a sociedade e a natureza no Distrito Federal**. 2007, 120 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Pós-Graduação de Geografia. Universidade de Brasília, Brasília.

PARANÁ, **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. História. Secretaria de Estado da Educação – SEED. Paraná, 2008.

SANTOS, P. R. dos. **Desenvolvimento, Democracia e Meio Ambiente**: Degradação e Fábula Ambiental no Sul da Bahia. *Especiaria*, 6, pp. 241-262, nov./dez., 2003.

SARTORI M.A. **Reciclagem de Resíduos Sólidos**, Cadernos PDE versão Online ISBN 978-85-8015-054-4. 2011.

TEIXEIRA, L. A.; TOZONI-REIS, M. F. de C.; TALAMONI, J.L. B. A teoria, a prática, o professor e a educação ambiental: algumas reflexões. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 14 (2), 2011, 227-237. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICE**APÊNDICE 1 – Questionário aplicado na pesquisa**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Estimado aluno, este questionário faz parte de estudos sobre a Educação Ambiental e o ensino de Geografia. As informações aqui solicitadas terão unicamente uso acadêmico. Desta forma solicito a sua compreensão e ajuda no preenchimento dos questionamentos abaixo relacionados. Sendo garantido o anonimato.

QUESTIONÁRIO

- 1) Idade-----
- 2) Sexo-----
- 3) O que você entende por lixo?
- 4) Você considera sua escola um ambiente limpo?
- 5) Você já presenciou alunos jogando lixo no chão?
- 6) Como você classifica essa atitude?
 - a) () Ruim
 - b) () Indiferente
 - c) () Natural
 - d) () Boa
- 7) Como o lixo pode prejudicar o ambiente escolar? Cite exemplos
- 8) Você se sente responsável pelo lixo que produz?
 - a) () Sim
 - b) () Não
 - c) () Indiferente
- 9) O lixo que você descarta na escola de forma inadequada, pode prejudicar o meio ambiente () sim () não? Justifique sua resposta.

- 10) Você contribui para manter a sua escola limpa? Como?
- a) () Não joga lixo no chão.
 - b) () Zela por sua sala, impedindo que fique suja.
 - c) () Faz campanhas com os demais colegas para manter a escola sempre limpa.
- 11) Que atitudes devem ser tomadas para manter o ambiente escolar limpo?
- 12) A escola e que você estuda desenvolve atividades de educação ambiental? Quais?